



[resenha]



Ixitkydkỹ: um olhar sobre os vestires tradicionais das mulheres Iny Karajá

Ixitkydkỹ: a look at women's traditional indigenous dress from Iny Karajá

Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0034-1967>

Tuinaki Koixaru Karajá²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5389-6896>

Waxiaki Karajá³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8532-105X>

Ixitkydkỹ: um olhar sobre os vestires tradicionais das mulheres Iny Karajá

Curadoria: Tuinaki Koixaru Karajá, Waxiaki Karajá, Rita Morais de Andrade, Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça e Bárbara Freire R. Rocha

Local e período: Site on-line, Brasil. De 19 de setembro de 2022 até atualmente.

Disponível em: <https://www.vestiresmulheresinykaraja.com/>

Inaugurada no dia 19 de setembro de 2022, durante a Primavera dos Museus promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a exposição digital *Ixitkydkỹ: um olhar sobre os vestires tradicionais das mulheres Iny Karajá* alcançou mais de 1.200 visitantes de 26 países diferentes até o presente.

Seu planejamento foi fruto de um trabalho intercultural, colaborativo e transdisciplinar feito por uma equipe formada diretamente por 19 pessoas, dentre elas indígenas e não

¹ Doutora em Arte e Cultura Visual no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: indy.mgarcia@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6473746401368618>.

² Especialista em Educação Intercultural e Transdisciplinar: Gestão Pedagógica pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2015. E-mail: waxiaki2021@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9187609833846055>.

³ Graduada em Turismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: tuinakikoixaru2@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9826283304649028>.

indígenas. Essa ação de extensão universitária foi promovida pelo Grupo de Pesquisa Indumenta: *dress and textiles studies in Brazil* (UFG/CNPq)⁴, em parceria com o Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga (MUZA) e a CALÍOPE: projetos e ações patrimoniais.

A exposição foi uma das duas ações⁵ previstas no projeto *A pluralidade do vestir no Brasil: alinhavando histórias e saberes originais Iny Karajá* que foi submetido e contemplado em uma chamada de fomento intitulada RE-FARM CRIA, ofertada pela marca de moda FARM e o Instituto Precisa Ser em 2022, cujo objetivo principal foi selecionar projetos com impacto sobre os seguintes eixos temáticos: moda, criatividade, educação e equidade.

O Grupo de Pesquisa Indumenta foi certificado junto ao CNPq em 2016 e conta com pesquisadores voluntários que se dedicam aos estudos sobre os tecidos e os modos de vestir de Pindorama⁶ (Brasil), incluindo suas relações com a história, herança cultural e social, anticolonialidade e decolonialidade, feminismo, povos originários e afro-brasileiros.

Na proposta do projeto financiado, optou-se por uma exposição em formato digital por vários motivos, dentre eles por ser menos oneroso, já que dispensaria o custo com a infraestrutura de um espaço físico e de recursos expográficos adequados para a exibição. Outro benefício previsto foi a diluição das fronteiras geográficas, já que em formato digital, a exposição poderia ser visitada por qualquer pessoa com acesso à internet, especialmente indígenas aldeados.

O motivo da escolha de envolver especificamente o povo indígena *Iny Karajá* deu-se porque havia uma pesquisa de doutorado de uma integrante do Indumenta - Indyanelle Marçal - vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG), com foco nos vestires das mulheres *Iny Karajá*. Uma pesquisa já avançada sobre o tema contribuiu para que o projeto da exposição digital fosse possível de ser realizado no curto período previsto no edital. Além disso, as participantes da equipe já estavam familiarizadas com alguns dos aspectos chave da cultura *Iny Karajá*, tanto porque eram indígenas dessa etnia, mas também porque tiveram algum envolvimento em cursos e projetos de pesquisa na UFG que possui um histórico de relações interculturais com as aldeias indígenas do centro-oeste brasileiro.

O povo *Iny Karajá* são habitantes imemoriais das margens do Rio Araguaia, cujas aldeias passam pelos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, essa população compreendia aproximadamente 4.326 pessoas. A sua língua materna é o *Iny Rybè*, em que *iny* significa “nós” e *rybè* significa “modo de falar” (Nunes, 2016).

A curadoria da exposição foi realizada por cinco pessoas, com destaque para a presença das indígenas *Iny*, Tuinaki Koixaru Karajá e Waxiaki Karajá. Foram essas duas curadoras que definiram que o foco temático da exposição seriam os vestires tradicionais das

⁴ Conheça mais sobre este Grupo de Pesquisa por meio do instagram: @indumenta.br.

⁵ Uma das ações foi a exposição digital e a outra ação foi um curso EAD sobre os vestires plurais das mulheres *Iny Karajá*, que formou 52 alunos de diversas regiões de Pindorama (Brasil) e residentes de outros 5 países.

⁶ Pindorama significa regiões das palmeiras, e é o modo com os povos originários chamavam esse território que recebeu o nome de Brasil pelos invasores europeus.

mulheres do seu povo. Para essas curadoras, poderia servir também como um recurso educativo para chamar a atenção dos jovens indígenas para que tivessem acesso às informações relacionadas à sua própria cultura tradicional, assim como os não indígenas que poderiam conhecer a existência das histórias plurais do vestir no país a partir de outras perspectivas.

O título da exposição foi escolhido de forma colaborativa pelas curadoras indígenas e não indígenas. Decidiu-se por incluir uma palavra na língua materna “*ixitkydk*” que, traduzida para o português, significa “vestir”, e o restante do nome da exposição “um olhar sobre os vestires tradicionais das mulheres *Iny Karajá*” não buscava representar uma visão generalizada desse povo em relação aos seus vestires tradicionais femininos, mas trabalhar a partir de *um* olhar, que era sobretudo o olhar das curadoras indígenas.

O curto prazo para realização do projeto fez com que houvesse uma preocupação especial na profundidade e qualidade das informações escritas e visuais que seriam inseridas na exposição, diante disso era inviável abordar todos os vestires tradicionais das mulheres. Foram selecionados 14 itens de vestuário, foram eles: *lasi, kuè, dohoboraty, m̃rani, nõhõ, dexi, wokudexi, bywiru, dexiweraru, tuù, txubola, dekobutè, wlairi, lõrilõri*. Ele foram escolhidos por serem considerados os mais representativos no olhar das curadoras indígenas e que poderiam ser encontrados no acervo do Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga (MUZA). Esse museu foi o primeiro da cidade de Goiânia, inaugurado em 1946 e gerido pela Secretaria de Estado de Cultura de Goiás (SECULT).

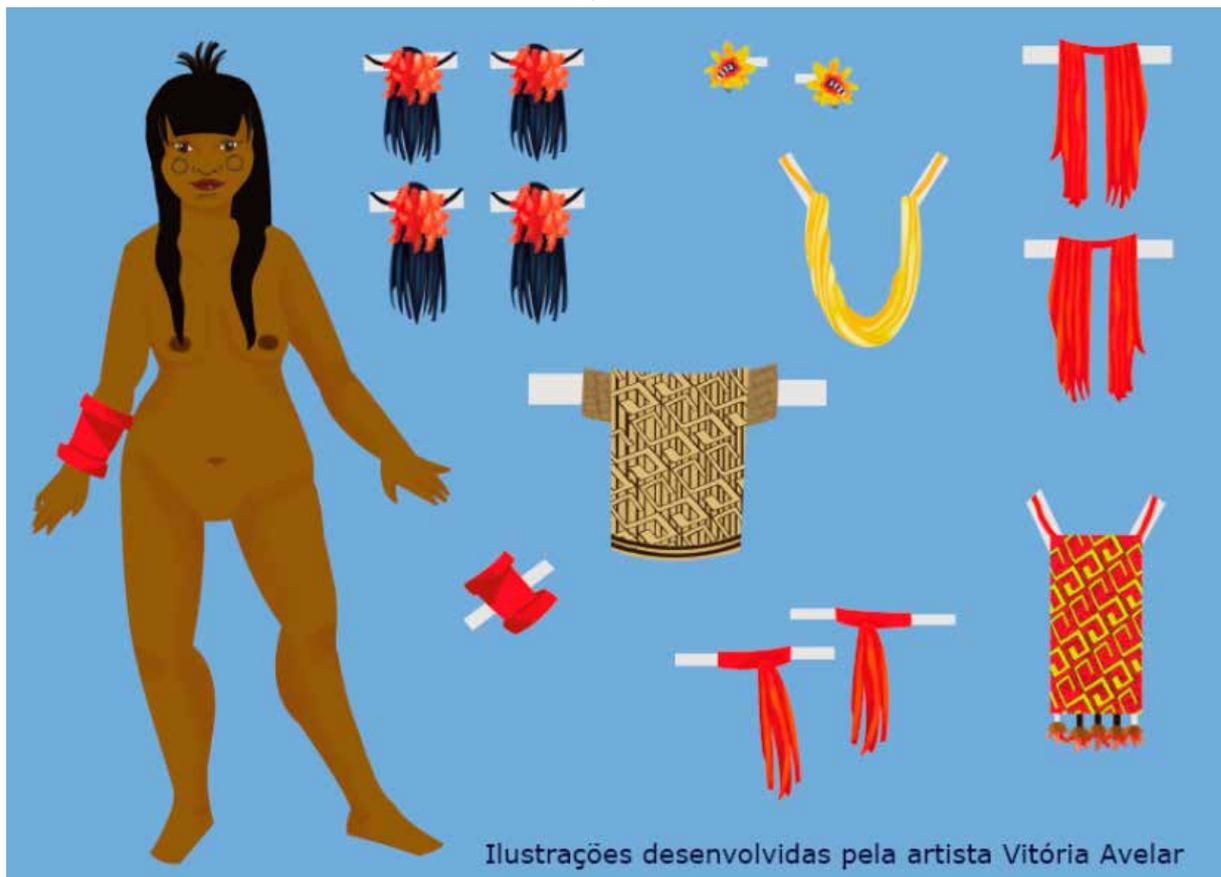
Apesar do acervo etnográfico do MUZA ser expressivo, este ainda carece de pesquisas e de uma equipe interna de funcionários efetivos. Por ser ligado ao Governo do Estado de Goiás, é comum que os colaboradores sejam de vínculo temporário ou comissionados. Devido a pandemia pelo covid-19, no momento da realização do projeto, o museu contava com apenas três funcionários, eram eles: o diretor Giulliano Santos Ramos, a servidora Vânia Xavier Lima e a arqueóloga Thayna Janaína Soares Nazareth. Além disso, outros desafios comuns aos museus do país também estavam sendo enfrentados pelo MUZA, como por exemplo, a existência de artefatos do acervo sem catalogação ou com ausência de muitas informações nas fichas catalográficas.

A equipe formada para a execução da exposição contou com a presença de Lilialeia Manackiru Mauri Karajá, responsável por desenhar os grafismos da cultura *Iny Karajá*, incorporados na identidade visual dessa ação. A Bel Lavratti foi a responsável pela elaboração da logomarca, paleta de cores, tipografia, cartaz de divulgação, templates de postagens nas redes sociais, dentre outros itens. Ela teve a ideia de incluir cinco planos de fundo de computador como uma espécie de lembrança da exposição digital, para serem baixados e usados pelos visitantes.

Bárbara Freire, designer de moda, museóloga e proprietária da CALÍOPE: projetos e ações patrimoniais, foi a responsável por coordenar o desenvolvimento da exposição. Ela sugeriu que uma aba de jogos fosse criada dentro do site para que houvesse uma interação com os visitantes. São três opções disponíveis. Um jogo de caça-palavras com termos ligados ao tema abordado; um jogo de memória com imagens da exposição digital; e o jogo do vestir (figura 01), que consiste em 3 corpos femininos de diferentes faixas etárias (criança, moça e adulta) juntamente com vestires tradicionais correspondentes para cada idade, de modo que os visitantes pudessem recortar os vestires e vestir os corpos desenhados.

É importante destacar que as ilustrações do jogo de vestir foram feitas pela designer de moda Vitória Avelar e recebeu contribuições das curadoras indígenas até chegar na versão final que foi disponibilizada no site. Esses jogos foram pensados como recursos educativos para serem utilizados por professores do ensino básico e médio. As curadoras estiveram envolvidas em todo o processo, dando especial atenção às questões éticas envolvendo o desenho da boneca, o seu corpo e a representação das vestimentas.

FIGURA 01 - JOGO DO VESTIR



Fonte: <https://www.vestiresmulheresinykaraja.com/>

As fotógrafas indígenas Rafaella Coxini e Hawalari Coxini Karajá foram contratadas para participar do projeto. Estiveram no MUZA e fotografaram os artefatos selecionados para a exposição, contribuindo para aproximação entre o museu e povo *Iny* Karajá (figura 02). O fotógrafo e cineasta Juanahu *Iny* foi contratado para fotografar as vestimentas escolhidas a partir da aldeia Santa Isabel do Morro, localizada na Ilha do Bananal em Tocantins. Dessa forma, havia várias frentes de trabalho simultâneas ocorrendo em dois sítios principais: o MUZA em Goiânia e a aldeia no Tocantins.

FIGURA 02 - DEXI E DEXIWERARU



Dexi é um adorno usado em par nos punhos de formato estruturado e cilíndrico, feito de fios de algodão na cor vermelha, tingido com urucum. Em sua confecção utiliza-se uma agulha de metal a partir de uma técnica similar ao crochê. E dexiweraru é feito com fios de algodão na sua cor natural, presas a cordel para amarração na parte superior e solto na parte inferior com um conjunto de pingentes, formados a partir de fios do mesmo material que sustentam miçangas na cor branca, sementes da árvore aguái (*Thevetia peruviana*) e penas de arara nas cores amarela, vermelha, azul e verde; sempre usado em conjunto com o dexi.

Fonte: <https://www.vestiresmulheresinykaraja.com>

Juanahu produziu um documentário registrando a feitura do adorno tradicional chamado *tuù* (figura 03), uma espécie de tanga feita de entrecasca de árvore que é usada exclusivamente pelas mulheres *Iny* Karajá. O vídeo foi traduzido para o português pelo indígena e professor Wahuka (conhecido como Sindoval Oliveira), além do texto de apresentação da exposição, que também foi disponibilizado na língua materna *Iny Rybè*. Este é um dos maiores destaques da exposição, haja vista que são raríssimos os registros de feitura de vestuário em qualquer contexto cultural, mas especialmente indígenas.

FIGURA 03 - TUÛ



Legenda: adorno utilizado no quadril, a partir de uma amarração, similar a tanga. Uso exclusivo por mulheres. Ele é feito de entrecasca de árvore com grafismos de cor preta. O da imagem apresenta padrões do grafismo denominado *Narihi rurti*. Foi produzido na aldeia Santa Isabel do Morro/TO pela artesã Lavarideru Karajá e pintado por Waxiaki Karajá (sem data).

Foto: Juanahu Iny, 2022.

Era importante para a equipe pensar em recursos inclusivos no espaço expositivo digital. Por isso, pesquisadores que se dedicam à cultura *Iny* Karajá foram convidados para gravar áudios curtos sobre os vestires expostos. Infelizmente, alguns vestires ainda não possuem um áudio sobre eles, mas os que possuem receberam a contribuição dos pesquisadores: Eduardo Soares Nunes (Universidade Federal do Oeste do Pará), Chang Whan (consultora da UNESCO), Nei Clara de Lima (professora aposentada da Universidade Federal de Goiás), Lilian Brandt (indigenista na Funai) e Manuelina Maria Duarte Cândido (Universidade Federal de Goiás, Universidade de Würzburg, Universidade d'Artois e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

As legendas detalhadas dos vestires expostos incluem informações relacionadas às matérias-primas utilizadas, o modo de saber-fazer, o contexto de uso, o modo como é usado no corpo, em qual ciclo de vida da mulher *Iny* Karajá os veste, suas dimensões e pesos. A busca por essas informações específicas se deu de forma colaborativa, a partir da consulta da bibliografia especializada e conversas com os anciãos da aldeia. Além dessas informações estarem no site, elas também foram inseridas nas respectivas fichas catalográficas dos artefatos selecionados. As fotos profissionais também foram compartilhadas com a instituição museológica.

A divulgação da exposição foi extensa. Todo o seu desenvolvimento foi compartilhado por meio do instagram do Grupo de Pesquisa Indumenta (@indumenta.br), e contou ainda com o apoio de divulgação por parte do Governo do Estado de Goiás, pela TV UFG, pelos sites institucionais da Faculdade de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da UFG, pelas redes sociais de grupos de pesquisa parceiros, tais como: Presença Karajá (@presenca_karaja), Ninho Cultural (@ninhocultural.br) e Museologia da Moda (@museologiadamoda). Também houve o apoio da TV Anhanguera, Diário da Manhã, Portal Dia Online, Mais Goiás Social e Globo Play. Como a exposição foi inaugurada durante a Primavera dos Museus do IBRAM, a repercussão teve alcance nacional.

Por fim, esse projeto demonstra a potência de alcance e qualidade de informações quando se realiza ações interculturais de forma colaborativa, com equipe transdisciplinar. Além disso, se aproxima de uma proposta metodológica decolonial, onde não se desenvolve um trabalho *sobre* indígenas, mas *com* indígenas. Não apenas isso, os participantes indígenas foram protagonistas em todo o processo.

Entende-se como decolonialidade a busca por “encontrar em outras formas de conhecimento o ponto de ancoragem de maneiras alternativas de conceber e legitimar o saber” (Soria, 2017, p. 5, tradução nossa).⁷

O Grupo de Pesquisa Indumenta permanece desenvolvendo estudos e projetos que busquem decolonizar o campo da moda, contribuindo para que outras narrativas se manifestem, assegurando a existência de muitas outras histórias do vestir em Pindorama; e não somente a história da moda eurocentrada ainda tão universalizante e predominante nas

⁷ “[...] una crítica de la modernidad que encuentra en otras formas de conocimiento el punto de anclaje de maneras alternativas de concebir y legitimar el saber.” (Soria, 2017, p.5).

matrizes curriculares dos cursos de ensino superior especializados neste campo.

Referências

INDUMENTA. **Sobre tecidos e modos de vestir no Brasil**. Goiânia. 06 de abril de 2021. Instagram: @indumenta.br. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNU4zgvj7pO/?igsh=MzRhNHVvdmrNXB2> . Acesso em: 25 fev. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em 25 fev. 2024.

NUNES, Eduardo Soares. **Transformações Karajá: os “antigos” e o pessoal de “hoje” no mundo dos brancos**, 2016, 609 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2016.

SORIA, Sofía. Crítica, política y pedagogia decolonial. Uma lectura a contrapelo. **Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas**. Vol 19, 2017.

PRESENÇA KARAJÁ. **Projeto de pesquisa interdisciplinar que cartografa e analisa coleções de bonecas Karajá (ritxòkò) presentes em coleções de museus**. Instagram: @presenca_karaja. Goiânia. 25 de junho de 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/presenca_karaja?igsh=MXg1NWJnYVWvOWdtNQ==. Acesso em 25 fev. 2024.

NINHO CULTURAL. **Produção cultural**. Palmas. 25 fev. 2024. Instagram: @ninhocultural. Disponível em: <https://www.instagram.com/ninhocultural.br?igsh=YTlvenRvejVpNmc3>. Acesso em 25 fev. 2024.

MUSEOLOGIA DA MODA. **Acervos de moda no mundo**. 25 fev. 2024. Instagram: @museologiadamoda. Disponível em: <https://www.instagram.com/museologiadamoda?igsh=dWxpanpybWZiZnc5> . Acesso em 25 fev. 2024.

INDUMENTA. **Ixitkydkỹ**: um olhar sobre os vestires tradicionais das mulheres Iny Karajá. Goiânia, 19 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.vestiresmulheresinykaraja.com/>. Acesso em 25 fev. 2024.